

Inserção digital: uma experiência em ambulatório público de saúde mental¹

Digital insertion: an experience at a public mental health outpatient care service

Inclusión digital: una experiencia en servicios de consulta externa de salud mental

John Elton Santos
Absalão Galvão Melo

Palavras-chave: Socialização. Reforma psiquiátrica. Informática.

“A loucura afeta as pessoas loucas de forma distinta pela qual afeta aquelas que não o são” (Ana Marta Lobosque).

1. O presente trabalho é resultado de pesquisa monográfica elaborada no curso de Especialização em Saúde Pública da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, nos anos de 2008 e 2009.

RESUMO

A tecnologia da informática, tão presente no nosso cotidiano, torna-se um elemento integrante em uma oficina em Saúde Mental desenvolvida no ambulatório público na cidade de Manaus. Sendo constituída a partir dos ideais da Reforma Psiquiátrica, ela possibilita um espaço político-social na construção de ações de socialização e resgate da cidadania. O trabalho é desenvolvido junto a um grupo de usuários que frequenta o ambulatório e busca o serviço de Psicologia. A oficina ocorre interligada com sessões de psicoterapia. A informática é utilizada como um elemento mediador das relações sociais e do despertar do interesse dos participantes para questões relativas à sua condição social, psíquica e física.

ABSTRACT

Computer technology - so present in our daily lives - become an integral part of a workshop on mental health developed at a public outpatient clinic in the city of Manaus, Brazil. Being created from the ideals of the Psychiatric Reform, it provides a political-social environment for performing actions involving the construction of socialization and citizenship. The work is carried out with a group of users who attend the clinic and look for the the service of Psychology. It is interconnected with psychotherapy. The computer is used as a key mediator of social relations generating interest of participants on matters relating to their social, psychological and physical condition.

Keywords: Socialization. Psychiatric reform. Computer technology.

RESUMEN

La tecnología informática tan presente en nuestra vida cotidiana a ser parte integrante de un taller sobre salud mental desarrollado en la clínica pública en la ciudad de Manaus. Ser creado a partir de los ideales de la Reforma Psiquiátrica, que proporciona una política de acciones sociales en la construcción de la socialización y la ciudadanía. El trabajo se lleva a cabo con un grupo de usuarios que asisten a la clínica y cumplir con el servicio de Psicología, el trabajo del taller está interconectado con la psicoterapia. El ordenador se utiliza como un mediador clave de las relaciones sociales y atractivo a los participantes sobre cuestiones relativas a su desarrollo social, psicológica y física.

Palabras clave: Socialización. Reforma psiquiátrica. Informática.

INTRODUÇÃO

A cidade de Manaus¹ conta com aproximadamente 1.646.602 (um milhão seiscentos e quarenta e seis mil e seiscentos e dois) habitantes² O trabalho com oficinas profissionalizantes, terapêuticas ou artísticas surgem num momento de inquietação da equipe do Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro (C.P.E.R.) no sentido de oferecer a esses usuários algo mais além da medicação ou sessões de psicoterapia. As oficinas se oferecem “como outro espaço” proporcionando experiências que possibilitem

o processo de reabilitação, ressocialização, profissionalização e ressignificação do sofrimento psíquico.

O surgimento das oficinas provoca mudanças também na dinâmica institucional, através de suas ações e produções de novos sentidos. O espaço deixa de ser um lugar “só para pegar remédio”, mas tornando-se um espaço onde vai se assistir peça teatral ou “mexer” com informática. Percebemos que o olhar da própria equipe muda ao perceber que os usuários desenvolvem desejos e capacidades quando integrados em um ambiente acolhedor.

Daqui para adiante vamos nos referir as pessoas que freqüentam as oficinas como portadora de sofrimento psíquico, que é o reconhecimento de uma forma diferente de sofrer, de enfrentar a loucura, como refere Ana Marta Lobosque em seu livro *Experiência da loucura*.

Rejeitamos o termo “doente mental” certamente inadequado, trocando-o por “portador de sofrimento mental”. Ora, esta nova denominação tem sua ambigüidade: o sofrimento mental não é alguma coisa que se porta, como um câncer ou uma deficiência física; não é algo que ocorre acidentalmente a alguém; ainda que desencadeado por acontecimentos cuja conta pode lançar-se ao acaso, será sempre uma resposta do sujeito (2001, p. 37).

Compreendendo que cada denominação: portador de transtorno mental, louco, usuário, paciente ou psicótico carrega em si um arcabouço teórico, optamos pela denominação proposta por Lobosque, por entender que existem tantas formas de enlouquecer como ex-

1. Manaus, capital do Amazonas.

2. De acordo com o senso do IBGE de 2007.

istem pessoas, e que cada uma vai viver essa experiência de forma muito singular, de acordo com sua organização psíquica e/ou disposição orgânica, suas crenças religiosas ou místicas. Está ligado à maneira de como sua própria família sofre, ou num contexto mais amplo com a cultura da época.

A reforma Psiquiátrica e as oficinas

Ao longo da história ocidental vimos as denominações do termo louco ir se transformando em doente mental, portadores de transtornos mentais, etc., como nos referimos acima. Atrás dessas mudanças está um conjunto de prática e ideologias que foram se transformando. Da mesma forma, os espaços ocupados por eles foram mudando de sentido, antes pessoas livres passaram a ser confinadas em abrigos para proteção e em seguida recolhidas e tuteladas. Todo um conjunto de saber científico vai se constituindo acompanhando e legitimando essas ações.

Essa prática excludente vai vigorar até a segunda metade do séc. XX, onde os países da Europa e América do Norte abrem espaço para novos modelos de tratamento e compreensão da loucura. Vimos surgir as Comunidades terapêuticas, a Psiquiatria de setor e Psiquiatria preventiva realizada na França, a Antipsiquiatria e a desinstitucionalização proposta por Basaglia, entre outros modelos de intervenção (AMARANTE, 1994).

Inspirado no modelo proposto por Basaglia, a desinstitucionalização no Brasil surge por meio de movimentos políticos e sociais que se inscrevem confrontando as formas de assistência, datada da década de 60 e 70,

período que ficou conhecido como Indústria da Loucura. O fim da década de 70 é marcado pela crise financeira da previdência social, somando-se ao movimento dos trabalhadores em saúde mental sobre a reivindicação na reformulação de projetos de políticas públicas em saúde mental.

Toda essa efervescência culmina na proposta de Paulo Delgado através de projeto de Lei revelando a possibilidade real de substituição do modelo hospitalocêntrico por uma rede territorial de serviços e ações culturais, tornando-se o centro do debate nos próximos 7 anos, e somente em 2001, sendo aprovado como Lei 10.216 (GUERRA In COSTA e FIGUEIREDO, 2008; AMARANTE, 1994).

Da mesma forma, as oficinas terapêuticas também passam por modificações. Inicialmente, influenciadas pelo modelo higienista no qual o tratamento dos loucos se dá pelo trabalho especificamente na agricultura, através do surgimento de hospitais colônias. Em 1940, sob a influência de Nise da Silveira, que via nas oficinas terapêuticas formas de expressão dos loucos, além de valorizar a atividade como um recurso terapêutico denunciando a exploração de mão-de-obra gratuita.

No final dos anos 80, já com a formação de novos modelos substitutivos por meio de CAPs, NAPs e centros referências em saúde mental, as oficinas tomam um novo perfil, como informa Andréa Guerra:

“As atuais redescobertas e valorização das atividades, advindas com as oficinas nesse movimento de reforma, têm sido marcadas pela introdução de um novo diferencial: a fi-

nalidade político-social associada à clínica nos serviços. O uso político aparece na possibilidade da vida pública para o usuário, sustentado pela idéia de inserção social, de participação na vida pública e cultural de sua comunidade. Mas do que o desenvolvimento de habilidade buscase introduzir na cultura a diferença que a loucura representa. Essa associação implica um novo conceito de clínica – denominada ampliada, anti-manicomial, ou psicossocial -, que traz repercussões sobre as oficinas nessa proposta” (GUERRA In COSTA e FIGUEIREDO, 2008, p. 38).

Dentro desta visão, esse modelo introduz o portador de sofrimento psíquico num lugar de cidadania rompendo com a lógica alienante que a psiquiatria impõe, quando busca ver doenças e não sujeitos. Desse modo, buscamos desenvolver a oficina de Inserção digital de acordo com esses ideais, como veremos a seguir.

A oficina de Inserção digital teve seu início no mês de setembro de 2009, sendo que o amadurecimento das idéias para sua real implantação levou aproximadamente um ano. Equipamentos eletrônicos, espaço físico, mão de obra qualificada eram requisitos necessários para empreender o projeto.

A parceria com o curso de Psicologia da FAMETRO e ONG local proporcionaram a sua viabilização. Somado a isso, ao fim de 2009, através de edital promovido pelo Ministério da Saúde¹ conseguimos aquisição de novos equipamentos para a manutenção da oficina.

O trabalho é destinado aos portadores

1. Faculdade Metropolitana de Manaus. Edital de Arte, Cultura e Renda/2009, do Ministério da Saúde.

de sofrimento psíquico com idade de 15 a 30 anos, denominado de grupo de jovens. Os encontros acontecem em uma sala equipada com três computadores, somente um ligado à internet. Funciona às sextas-feiras, com a frequência de oito a dez participantes. Coordenam o trabalho dois psicólogos e como oficinairos dois estagiários de Psicologia.

Entre os objetivos da oficina, está o despertar do interesse pelo aprendizado da informática, tornando-se um elemento mediador com o mundo, através da janela virtual (internet), assim como buscar conhecimento disponível no universo virtual. O domínio da informática e internet possibilita, também, a comunicação com grupos ou pessoas na rede virtual, através do Orkut, MSN, Twitter, Email, Blog, etc. E assim romper com o isolamento social que a sociedade os impõem.

Destacamos a experiência de Tatiane Vianna que desenvolve um trabalho de oficina digital com crianças e adolescentes, segundo a autora eles padecem de “desertificação narrativa” que são pessoas que vivem num contexto social de exclusão e que, pelo esvaziamento de referências ou referências excessivas presentificadas, têm dificuldades de serem tomados na peculiaridade de suas trajetórias de vidas, e, assim poderem falar de si e serem escutados na sua singularidade (VIANNA In Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre, 2008, p. 165).

As reuniões na oficina intercalam momentos de apropriação do conhecimento de informática, com navegação na internet, e conversas com a equipe sobre suas experiências no dia a dia, dúvidas sobre o transtorno mental do qual são portadores, compartilhando a ex-

periência sobre esse sofrimento. Uma história pode remeter a outra, uma dúvida sobre um transtorno mental, ocasiona uma consultada na internet e leva o participante a falar do seu sofrimento. Ou seja, buscamos com esse trabalho diluir a “desertificação narrativa”, que Vianna refere acima.

Destacamos aqui a importância do papel do oficinairo, para a construção do trabalho, embora o domínio do conhecimento sobre a informática seja uma condição importante para o trabalho, nos interessa mais o potencial para desenvolver relação e o desejo de interagir com o portador de sofrimento psíquico. É o que ressalta Goldberg em seu livro *Clínica das psicoses*:

“O importante nos ateliês não é a figura do monitor, especialmente em tarefas práticas, mas pessoas que tenham potencial terapêutico, ou seja, que, independente de sua atuação profissional, estejam atentas às relações interpessoais que ocorrem em um grupo, que reconheçam aí o terapêutico e principalmente que se interessem por esta perspectiva de atuação” (1994, p. 130, grifos do autor).

Nesse pouco tempo que desenvolvemos a oficina, chegamos alguns resultados: A experiência despertou o interesse de alguns usuários para o aprendizado da informática. Uma relação afetiva entre oficinairos e os usuários, começa a se esboçar, possibilitando o aprendizado e a busca por novos conhecimentos. O entrelaçamento de relato de experiência e exercício da informática são atividades possíveis de serem vividas num mesmo espaço.

CONCLUSÃO

Desenvolver ações em saúde mental com princípios reformistas se mostra como grande desafio para os atores sociais envolvidos. O desejo de apropriação de novos conceitos e formas de trabalho não se limita ao processo de aquisição intelectual, levando-nos a revisitação subjetiva sobre os modos de cultura e dos elementos históricos que nos constituem enquanto pessoa e profissional.

Em nosso cotidiano, a tarefa mais difícil é o diálogo com o que é raiz das práticas psiquiátricas, demonstrando que não é apenas o plantar de novas idéias, mas o “des-raizamento” das práticas e ideais tão presentes em nossas universidades, na atuação dos profissionais, na comunidade, na “cabeça” dos usuários, e dos seus familiares.

A idéia sobre a oficina em Inserção Digital para grupos minoritários não é algo novo nas ações de inserção social. No entanto, a ser destinada a pessoas com sofrimento psíquico toma outro corpo, envolvendo uma pedagogia diferenciada cujo aprendizado só se efetiva via relação dos participantes da oficina. Em meio aos delírios, ao déficit cognitivo, a falta de desejo e a inconstância de humor se reconhecem as diferenças, mas não mais excluídas e sim dialogadas.

Contudo, comparamos o começo do trabalho na oficina com o do artista frente a sua tela em branco, na sua criação da obra de arte ele se liberta ao mesmo tempo em que se angustia. As experiências vividas nas reuniões de oficina são diversas, cria uma via para desejo que se encontrava tão disperso, com valor sim-

bólico e social.

REFERÊNCIAS

Amarante P. Psiquiatria social e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1994.

Guerra AMC. Oficinas em saúde mental percursos de uma história, fundamentos de uma prática. In: Costa CM, Figueiredo AC, organizadores. Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa; 2008. p. 23-58. (Coleções IPUB)

Goldberg J. Clínica das psicoses: um projeto na rede pública. Rio de Janeiro: TeCorá; 1994.

Lobosque AM. Experiências da Loucura. Rio de Janeiro: Garamond; 2001.

Vianna TR. Do signo ao significante: a busca do sujeito de um lugar de enunciação. Rev da Assoc Psicanal de Porto Alegre - Da Infância à Adolescência: os tempos do sujeito. 2008 Jul-Dez;35:164-73.